

# **A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E ACESSO AO ESPORTE PARALÍMPICO EM JOVENS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

## *PHYSICAL EDUCATION AS A PATHWAY OF SOCIAL INCLUSION AND ACCESS TO PARALYMPIC SPORT IN YOUTH WITH VISUAL IMPAIRMENT*

Maria Clara Costa da Silva  
Ciro Winckler

*Universidade Federal de São Paulo*

### **Resumo**

Este estudo teve como objetivo identificar e compreender o acesso à iniciação esportiva em modalidades paralímpicas e a influência vivenciada pelo meio social em adolescentes com deficiência visual. Dessa forma, foram avaliados 23 jovens abrangendo ambos os gêneros, proveniente de diferentes modalidades paralímpicas e com idade entre 13 e 18 anos. Cada voluntário participante preencheu o questionário fechado e as respostas foram avaliadas de acordo com o histórico individual e esportivo gerando um resultado médio do grupo. Foi observado a predominância entre cinco modalidades paralímpicas de experiências prévias dos atletas, como também, nas atuais modalidades praticadas. O processo de incentivo, acesso e inclusão social deu-se, em maioria, por meio do professor e das aulas de Educação Física. Conclui-se que a iniciação esportiva para crianças e adolescentes com deficiência visual em diferentes modalidades está caracterizada pela influência vivenciada pelos mesmos dentro do círculo social de cada um, composto principalmente pelo professor de Educação Física e pelos familiares. As aulas ofertadas durante o ensino fundamental e médio são essenciais para que o jovem tenha o primeiro contato, porém é indispensável que haja o desenvolvimento por meio de projetos e oportunidades esportivas em locais adequados garantindo o incentivo à participação em competições. Ainda que seja um acesso inicial e um pouco restrito em relação ao número de modalidades existentes, este processo tem tendência crescente já que o esporte paralímpico brasileiro conquista maior visibilidade nos últimos anos.

**Palavras-chave:** Atividade Motora Adaptada. Iniciação Esportiva. Esporte Paralímpico. Educação Física. Adolescência.

### **Abstract**

This study aimed to identify and understand access to initiation in Paralympic sports and the influence experienced in the social environment by adolescents with visual impairment. Thus, 23 young people were evaluated, covering all genders, coming from different Paralympic sports and aged between 13 and 18 years. Each volunteer participant completed the closed form and the answers were evaluated according to individual and sporting history, generating an average result for the group. It was observed the predominance between five Paralympic modalities of the athletes' previous experiences, as well as in the current modalities practiced by them. The process of incentive, access and social inclusion took place, mostly, through the teacher and Physical Education classes. It can be concluded that sports initiation for

children and adolescents with visual impairment in different modalities is characterized by the influence experienced by them within the social circle of each one, composed mainly by the Physical Education teacher and the family members. The classes offered during elementary and high school are essential for young people to have the first contact, but it is essential that there is development through projects and sports opportunities in appropriate places, ensuring the incentive to participate in competitions. Although it is an initial and restricted access in relation to the number of existing modalities, this process has a growing trend since the Brazilian Paralympic sport has gained greater visibility in recent years.

**Keywords:** Adapted Motor Activity. Sports Initiation. Paralympic Sports. Physical Education. Adolescence.

## 1 Introdução

Segundo a OMS (2008), considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor que 20° no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de grau de comprometimento visual do CID 10), e considera-se cegueira quando esses valores se encontram abaixo de 0,05 ou o campo visual menor que 10° (categorias 3, 4 e 5 do CID 10). Dessa maneira, a deficiência visual acrescenta grandes obstáculos para a integração com o meio em que o indivíduo está inserido, como também, para o acesso à atividades cotidianas e esportivas regularmente disseminadas na sociedade.

A deficiência visual acarreta grande perda de informações sobre o meio, prejudicando a interação social e possíveis oportunidades de uma participação plena nos diversos aspectos da vida cotidiana. A escassez de informações visuais pode ocasionar, caso a criança não seja adequadamente estimulada, prejuízos em diversos aspectos de seu desenvolvimento, tais como atrasos no campo motor, cognitivo, emocional e social. Dessa forma, é de suma importância que a criança cega ou com baixa visão seja amplamente estimulada para que possa alcançar níveis de desenvolvimento semelhantes aos seus pares não deficientes (ALVES; DUARTE, 2005, p. 231).

Alves e Duarte (2005, p. 232) refletem ainda que o entendimento sobre o tema pode trazer novas possibilidades para a prática pedagógica do profissional de Educação Física, além de possibilitar a revisão de suas estratégias e metodologias empregadas na educação do aluno deficiente visual (DV). Esse conhecimento representa um ponto primordial para a concretização do processo inclusivo e da iniciação esportiva. É apenas com o conhecimento sobre as necessidades, as capacidades, as potencialidades e as habilidades de seu aluno que o educador inclusivo será capaz de desenvolver práticas eficazes para a inclusão do aluno cego ou com baixa visão.

Embora o esporte paralímpico tenha sua origem vinculada à reabilitação de militares lesionados durante as Grandes Guerras e à reabilitação terapêutica, seu início no Brasil foi resultado do esforço de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Seraphin Del Grandes – ambas pessoas com deficiência que buscavam tratamento no exterior e, mais adiante, a construção e maior visibilidade do esporte paralímpico no país a partir de 1958 (SILVA; WINCKLER, 2019).

Especificamente sobre os esportes atribuídos às pessoas com deficiência visual, são ao total, doze modalidades paralímpicas existentes: Atletismo, Ciclismo, Futebol de 5, Goalball, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Triatlo, Esqui Cross-Country, Esqui Alpino e Biatlo, sendo as últimas três modalidades de inverno.

Para a prática dessas modalidades, os atletas são classificados de acordo com os parâmetros funcionais da acuidade e campo visual. A classificação é dividida entre B1 – cegueira, em que a acuidade visual é inferior ao logMar 2.6; B2 – baixa visão em que a acuidade visual varia entre logMar 1.5 a 2.6 e/ou o campo visual é restrito a um diâmetro inferior a 10 graus; B3 – baixa visão com acuidade visual variando entre logMar 1.4 a 1.0 e ou/campo visual restrito a um diâmetro inferior a 40 graus (MIRANDA; WINCKLER, 2019).

Essas classes podem receber siglas de acordo com a modalidade e a classe esportiva do atleta, como por exemplo, no Atletismo: T (*Track*) e F (*Field*) para as provas de pista e campo (B1= T11/F11, B2= T12/F12 e B3= T13/F13), e S (*Swimming*), SB (*Breaststroke*) e SM (*Medley*) para os nados livre/costas/borboleta, peito e medley (B1= S11/SB11/SM11, B2= S12/SB12/SM12 e B3 = S13/SB13/SM13), respectivamente, na Natação (IPC, 2018).

Este estudo teve como objetivo identificar e compreender o acesso à iniciação esportiva em modalidades paralímpicas e a influência vivenciada pelo meio social em adolescentes com deficiência visual. A partir dos conceitos mencionados e caracterização do meio, acredita-se que a influência vivenciada no meio social por adolescentes com deficiência visual impacta diretamente no acesso à iniciação esportiva em modalidades paralímpicas.

## 2 Metodologia

O presente estudo caracterizou-se pela pesquisa observacional descritiva em abordagem quantitativa com caráter exploratório. Segundo Fontelles *et al.* (2009), esse modelo de intervenção busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações.

## 2.1 Aspectos éticos

Para o desenvolvimento da pesquisa, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob o parecer CEP/UNIFESP n: 1375/2018. A coleta de dados realizou-se sob autorização prévia dos pais ou responsáveis, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## 2.2 Amostra

Pelo intuito de compreender o contexto desta pesquisa, foram recrutados 23 adolescentes com deficiência visual com idade entre 13 e 18 anos, de ambos os sexos e diferentes modalidades paralímpicas. O grupo foi composto por 14 atletas do sexo masculino com média de  $16,02 \pm 1,58$  anos, e oito do sexo feminino com média  $17,22 \pm 1,09$  anos. Na Tabela 1, são apresentados os dados sobre modalidade, classe funcional e a quantidade de atletas em cada modalidade.

Tabela 1 - Caracterização dos voluntários

Modalidade	Classe Funcional	Nº de atletas
Goalball	B1, B2, B3	10
Judô	B1, B2, B3	6
Futebol de 5	B1	3
Atletismo	T11, T12	2
Natação	S11, S12	2

Fonte: elaboração própria

## 2.3 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão abrangeram estar em idade escolar, ter deficiência visual e que os participantes praticassem alguma modalidade paralímpica há, pelo menos, um ano na data da pesquisa. Como critérios de exclusão foram listados os adolescentes que apresentassem outro tipo de deficiência sensorial, intelectual ou motora associadas ou que não tivessem o tempo mínimo de um ano na modalidade escolhida. O recrutamento foi feito através da participação dos atletas do *Camping Escolar Paralímpico de 2019* durante a estadia no Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo.

## 2.4 Coleta de dados

Cada participante foi submetido à um questionário fechado e as respostas foram avaliadas de acordo com o histórico individual e esportivo. Para aspectos qualificativos, os jovens foram convidados a preencher o questionário de acordo com sua experiência e histórico de maneira que, posteriormente, os resultados pudessem ser agrupados de acordo com o objetivo desta pesquisa. O questionário foi aplicado através de um formulário eletrônico na plataforma *Google*, sendo que os voluntários poderiam receber o *link* para responder em seu próprio celular ou utilizar um computador disponibilizado para esse procedimento. Em termos de acessibilidade, o sistema é inteiramente gratuito e online, podendo ser acessado por diferentes navegadores e sistemas operacionais dos respectivos computadores e/ou celulares que permitiria a acessibilidade através do leitor de tela ou tipos ampliados.

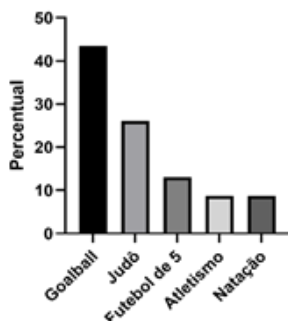
Ao total, foram aplicadas 15 questões para o processo exploratório sendo que 10 resultaram no objetivo específico projetado para este estudo e abordaram o tema das práticas esportivas prévias e atuais, a influência recebida pelo círculo social e o interesse pelo esporte paralímpico.

## 2.5 Análise de dados

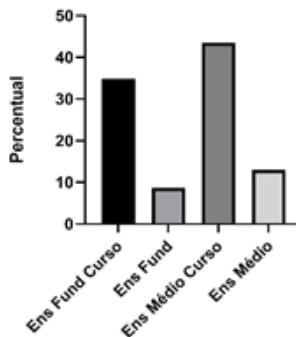
A relação entre as variáveis observadas foi realizada através da estatística descritiva e os resultados foram apresentados em distribuição absoluta e relativa nas variáveis. A apresentação visual dos dados se deu por meio de histogramas de acordo com as questões destinadas ao objetivo do trabalho.

### 3 Resultados

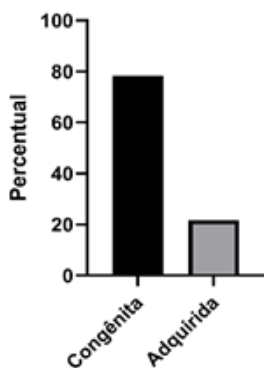
**Gráfico 1 - Modalidades paralímpicas praticadas**



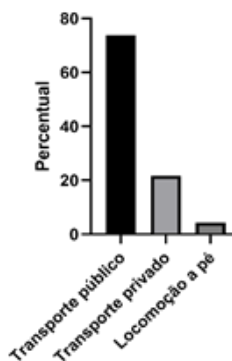
**Gráfico 2 – Nivel de escolaridade**



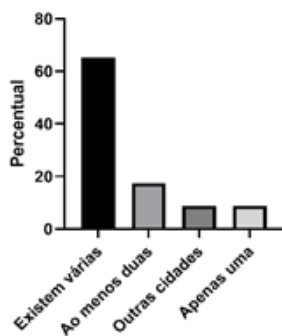
**Gráfico 3 – Origem da deficiência visual**



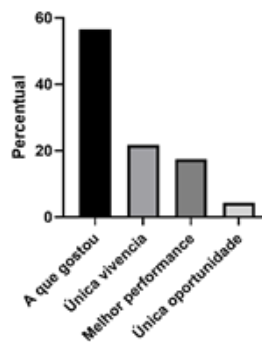
**Gráfico 4 – Meios de transporte utilizados até as sessões de treino**



**Gráfico 5 – Número de modalidades esportivas na cidade de origem do atleta**

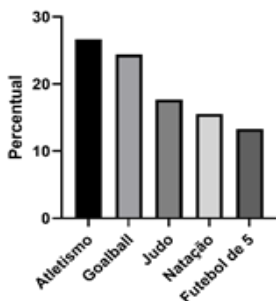


**Gráfico 6 – Motivos de fixação na modalidade atual**

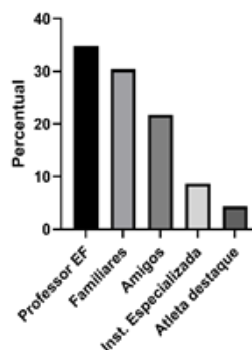


Fonte: elaboração própria

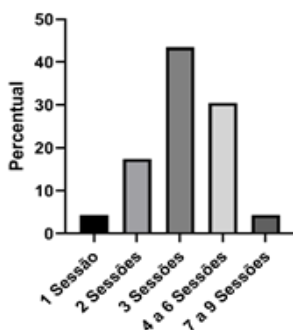
**Gráfico 7 – Experiência prévia nas modalidades paralímpicas**



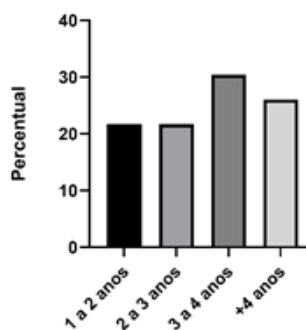
**Gráfico 8 – Influência na escolha da modalidade**



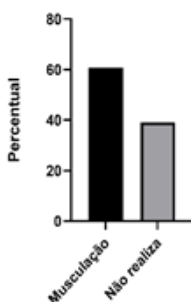
**Gráfico 9 – Número de sessões de treino por semana**



**Gráfico 10 – Tempo de prática na Modalidade**



**Gráfico 11 - Treinamento complementar aos específicos da modalidade**



Fonte: elaboração própria

Legenda: Professor EF- professor de Educação Física; Inst - instituição

A média do tempo de prática é  $2,9 \pm 1,04$  anos no Goalball;  $3,4 \pm 1,57$  no Judo;  $3,0 \pm 1,32$  no Futebol de 5;  $3,0 \pm 0,70$  no Atletismo e  $2,5 \pm 1,75$  na Natação.

## 4 Discussão

O objetivo deste estudo foi identificar e compreender o acesso à iniciação esportiva em modalidades paralímpicas e a influência vivenciada pelo meio social em adolescentes com deficiência visual.

Através da fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro, em 1995, de legislações, ações governamentais e projetos destinados ao impulso do esporte adaptado, foi possível estimular jovens com deficiência a praticar as diversas modalidades esportivas oferecidas. Entretanto, ao considerarmos sobre as atuais modalidades paralímpicas, somando um total de vinte e duas apresentadas pelo CPB, é perceptível que poucas não possuem a necessidade de equipamentos e estruturas mais complexas e indispensáveis para a realização do seu desenvolvimento durante a iniciação e o treinamento. Dessa forma, é possível que o acesso ao esporte pelos jovens seja dificultado, assim como, a prática progressiva da modalidade escolhida.

Para Patatas *et al.* (2020), a iniciação e progresso dos atletas paralímpicos são diretamente dependentes das especificidades e singularidades de cada modalidade e, mais ainda, pelas ofertas proporcionadas pelos clubes e profissionais capacitados para a realização da prática em questão. Além disso, os autores também expõem que o mecanismo dentro do esporte paralímpico tem um foco maior em procurar possíveis talentos em prol de resultados rápidos ao invés de desenvolver programas e estruturas adequados para o aperfeiçoamento dos novos atletas.

Foram mencionados o Goalball, Judô, Futebol de 5, Atletismo e Natação, respectivamente, em ordem de maior incidência das modalidades praticadas. As três primeiras, entretanto, possuem o maior número de atletas e são exclusivas da DV, enquanto as duas últimas englobam outras deficiências. O Atletismo segue sendo o esporte mais vivenciado pelos voluntários e com a menor exigência de estrutura e instrumentos, sendo necessário um atleta-guia dependendo da classe funcional do indivíduo, enquanto a de menor taxa, Natação, apresenta uma necessidade maior de materiais e espaço para a realização das aulas e/ou treinos (piscina), e o Futebol de 5 que, além do fator infraestrutura (bolas com guizo e quadra adequada), é também exclusivo para o sexo masculino e apenas para atletas B1 cegos.

O grupo de voluntários, por sua vez, dispôs de uma baixa diversidade na prática esportiva em que a média de experiências nas modalidades foi de  $2,04 \pm 1,14$  e com amostras maiores nos esportes coletivos em relação aos esportes individuais. A introdução de diferentes modalidades esportivas é necessária para que as aulas de educação física possibilitem a experiência da diversidade motora, uma vez que a deficiência visual interfere no processo de aprendizagem incidental através do déficit em estímulos sensoriais (WINCKLER *et al.*, 2006). Além disso, a orientação a respeito das regras e técnicas desportivas e o desenvolvimento das principais habilidades básicas e exigidas



dentro da modalidade em questão são imprescindíveis para o repertório motor desse indivíduo. Patatas e Kons (2020) denotam que, “o acesso a treinadores de qualidade que possuem conhecimentos específicos sobre as particularidades dos diferentes tipos de deficiências é indispensável no desenvolvimento de atletas paralímpicos [...]”. Ao avaliarmos os resultados obtidos no Gráfico 1 e relacionarmos ao número de atletas que permanecem na modalidade, nota-se que a maioria encontra-se no esporte inicial mesmo tendo praticado outras modalidades em algum momento da vida. A responsabilidade, então, pertence aos profissionais que devem estar aptos à garantir o desenvolvimento das atividades esportivas de forma específica e sistematizada, como também identificar as habilidades e proporcionar os fundamentos de diferentes modalidades durante as aulas de educação física. Scaglia (2009, p.602) relata que, “...torna-se evidente a distância entre teoria (estudo) e a prática(experiência), prevalecendo quase unicamente a última, muitas vezes baseada apenas na história de vida como ex-atleta deste profissional, de forma empírica”. Complementar à essa reflexão, fica acentuada a importância dos conhecimentos pedagógicos para a intervenção no esporte, seja na iniciação ou no treinamento, e atenção as dimensões que cercam o processo de formação humana. (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009). Portanto, a partir da capacitação adequada e baseada em fundamentos específicos de cada modalidade, as aulas de Educação Física nos ensinamentos fundamental e médio possibilitam o acesso ao esporte adaptado de forma mais consciente e acessível para crianças e adolescentes com deficiência visual.

Sob o fator da inclusão social, Gil (2000, p. 08) esclarece que “[...] o indivíduo que nasce com o sentido da visão, perdendo-o mais tarde, guarda memórias visuais, consegue se lembrar das imagens, luzes e cores que conhece, e isso é útil para sua readaptação”. De acordo com os dados demonstrados anteriormente (Gráfico 3), a maior parte dos voluntários apresentaram uma perda visual muito precoce, a qual limita os resquícios de lembranças visuais, logo, sua adaptação e reconhecimento acerca do mundo é estritamente interligado às suas experiências sensoriais e pelo convívio com outras pessoas. Nestes casos, principalmente, evidencia-se que a falta de inclusão e acessibilidade no decorrer da infância e adolescência prejudica não somente a sociabilidade entre jovens com e sem deficiência, mas também o processo de autonomia e identidade do indivíduo com DV. Além disso, podemos pensar também que nem todos os ambientes comportam, ou se adaptam, à acessibilidade necessária para o desenvolvimento de atividades inclusivas.

Porém, além de profissionais capacitados à atender as competências dos jovens atletas, é essencial que seja oportunizado meios aptos ao desenvolvimento das aptidões esportivas e da prática das modalidades paralímpicas vigentes, como também acessibilidade adequada nos diferentes setores da sociedade que circundam a vida da pessoa com deficiência. Bredariol e Almeida (2012) apontam que um dos principais obstáculos está diretamente ligado à dificuldade de acesso aos locais próprios para a

realização das atividades esportivas uma vez que o contexto e as barreiras arquitetônicas impossibilitam o deslocamento e localização do espaço para pessoas com DV.

Barrozo *et al.* (2012, p.24) ainda reforça que “para garantir o direito de livre acesso ao meio físico e de livre locomoção [...] algumas das normas são para acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço e equipamentos urbanos, outras são para acessibilidade em diversos tipos de transportes[...]”.

O cenário então torna-se mais complexo ainda quando avaliamos que a maior parte dos jovens utilizam meios de transporte públicos para o trajeto de casa até o local em que realiza os treinamentos, como demonstrado no Gráfico 4. Somado às demais resistências vivenciadas por este grupo populacional, é possível que seja um dos fatores por existir baixo alcance à iniciação paralímpica de variadas modalidades.

Dificuldades relacionadas a questões financeiras, como ausência de patrocínio, ou ligadas a questões sociais, tais como, acessibilidade, preconceito e falta de profissionais qualificados, dentre outras, podem dificultar a trajetórias esportiva de atleta, bem como reduzir o número de atletas que permanecem no esporte adaptado (ROSADAS, 2000; BENFICA, 2012).

Essa realidade limitada, conseqüentemente, transforma-se no processo restrito de experiências que são oportunizadas à crianças e adolescentes com deficiência visual. Ainda que o grupo seja composto por jovens que tiveram o acesso ao esporte, os resultados demonstram uma maior quantidade de respostas agrupadas em variedades paralímpicas no quinto e sexto gráficos, porém é adequado advertir que foram citadas apenas cinco (Gráficos 1 e 7) do total de doze modalidades exercidas pelo alto rendimento e atribuídas aos atletas com deficiência visual.

Além disso os esportes mencionados e mais praticados pelos voluntários, em ordem decrescente, requerem menos estrutura para serem exercidos se comparados aos não mencionados, nos quais estão o Hipismo, Ciclismo, Remo, Biatlo, Triatlo, Esqui Alpino e Esqui Cross-Country. Logo, é possível que a menção desses esportes esteja relacionada à dificuldade de acesso às categorias que demandam maior estrutura para sua atividade, mas também pelo pouco tempo de prática dos atletas que ainda podem vivenciar outras modalidades. A pouca experiência dos jovens dentro das modalidades paralímpicas e a pouca idade cronológica dos mesmos relacionam-se aos achados de Patatas e Kons (2020) que afirmam que no esporte paralímpico os atletas normalmente iniciam a prática esportiva em idade mais avançada e são inseridos de maneira direta na participação em competições, porém, a diferença entre a idade da iniciação esportiva e a idade de transição para o alto rendimento tem uma variação pequena. Dessa forma, é possível que os jovens com um repertório maior em experiências esportivas obtenham mais sucesso na escolha da modalidade que pretendam se aperfeiçoar. Relacionando aos percentuais obtidos em função da continuidade na mesma modalidade paralímpica em que se iniciou o treinamento, ocorreu uma maior quantidade de atletas pertencentes ao esporte inicial e, associando à idade média dos participantes da pesquisa, nota-se que houve um processo mais diretivo no reconhecimento do esporte escolhido (Gráfico

6). Essa condição pode ser decorrente da escolha de cada um a partir das experiências já vivenciadas, pela escassez de variedades no momento inicial de iniciação ao esporte (Gráfico 5) ou ainda, influenciado por um estímulo direcionado pelo círculo social de cada um (Gráfico 8).

No empenho de alterar essa realidade, o efeito de ações e de projetos ofertados e destinados à essa população contribui para que cada vez mais crianças e adolescentes sejam capazes de se reconhecerem e escolherem a modalidade com a que mais se identificam a partir da própria vivência em diversas opções esportivas, resultando na ampliação do acervo motor e na condição de decisão sobre o esporte mais adequado para cada um (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2005).

Posto isso, qual o impacto dessas condições no acesso ao esporte? Pode-se deduzir que a oferta dessas modalidades torna-se praticamente inviável para a realidade da maioria dos jovens que procuram por um espaço no meio esportivo, sendo assim, expostos à categorias que não demandam tanta infraestrutura e que possam ser adaptáveis aos treinos, ou que não sejam a modalidade mais adequada para o mesmo.

Como citado anteriormente, os estímulos podem ser decisivos na trajetória esportiva e no contexto social da inclusão da pessoa com deficiência por estarem relacionados ao entendimento de suas limitações, mas também ao incentivo de suas potencialidades, gerando assim um ambiente mais acolhedor e promissor no desenvolvimento desse indivíduo. Segundo Alves e Duarte (2005, p. 232), o entendimento sobre o tema pode trazer novas possibilidades para a prática pedagógica do profissional de Educação Física, além de possibilitar a revisão de suas estratégias e metodologias empregadas na educação do aluno com deficiência visual.

Segundo Melo (2004, p.126), as metodologias de ensino utilizadas na educação física com deficientes visuais devem priorizar a segurança do aluno e motivá-lo à descoberta orientada de suas potencialidades motoras...o professor não pode perder de vista, no decorrer das aulas, as possibilidades metodológicas menos diretivas que exploram a autonomia do aluno, facultando-lhe o poder de decidir sobre seus próprios atos, aspecto relevante na construção de uma relação autônoma entre o deficiente visual e o meio circundante, principalmente no sentido de fomentar a estruturação de segurança no aluno. Assim sendo, a influência causada pelo professor de Educação Física demonstra extrema importância no percurso da vida de crianças e adolescentes com DV já que o mesmo é capaz de identificar mais precisamente as habilidades dos alunos, suas motivações e proporcionar meios que desenvolvam o lado esportivo. Valida-se essa reflexão a porcentagem de jovens que citaram o professor como maior influenciador na escolha da modalidade paralímpica praticada, seguido pelos familiares e amigos (Gráfico 8), compondo assim o círculo social de cada atleta.

A percepção adquirida, principalmente pelos profissionais, torna-se um dos maiores pontos de partida ao acesso do esporte paralímpico, mas também ao processo de inclusão por meio das aulas de Educação Física.

Esse conhecimento representa um ponto primordial para a concretização do processo inclusivo. É apenas com o conhecimento sobre as necessidades, as capacidades, as potencialidades e as habilidades de seu aluno que o educador inclusivo será capaz de desenvolver práticas eficazes para a inclusão do aluno cego ou com baixa visão. (ALVES; DUARTE, 2005, p. 232)

Entretanto, como a trajetória esportiva respalda-se por treinamentos específicos e complementares na modalidade e na condição associada a deficiência, pode-se concluir que as instituições especializadas ainda apresentam um baixo impacto na escolha da modalidade como também no desenvolvimento esportivo dos adolescentes em relação às aulas de Educação Física.

Segundo Patatas *et al.* (2020), a retenção de um atleta no esporte depende das oportunidades esportivas e dos profissionais qualificados para atender e manter esse atleta na modalidade, ou seja, são diretamente dependentes das especificidades e particularidades desenvolvidas ao longo do treinamento. Dessa maneira, as frequências de treinos específicos precisam ser efetivas para que o atleta atinja um bom rendimento e seja capaz de participar de competições que possam levá-lo adiante em sua carreira esportiva. Por mais que a maioria relatou realizar entre três e seis sessões semanais de treinos (Gráfico 9), vale-se lembrar que poucos desses estão sendo acompanhados por um clube especializado.

Atualmente o convite de professores, treinadores e gestores da modalidade é a principal forma de entrada no esporte paralímpico e tem revelado atletas com potencial de sucesso em treinamentos de longa duração. Apesar de terem um resultado positivo na busca por atletas, não devem ser considerados a melhor forma de recrutá-los (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 6).

Sob o tempo de prática encontrados nesta pesquisa, os resultados não apresentaram grande oscilação (Gráfico 10), concordando com os achados que a participação em competições surte maior efeito na transição de fase do que o tempo do atleta na modalidade. Além disso, a presença de treinos complementares (Gráfico 11) sugerem a preparação ativa dos jovens para alcançar maior rendimento nos jogos disputados.

## 5 Conclusão

Nesse sentido, a realização deste trabalho evidencia que a iniciação esportiva para crianças e adolescentes com deficiência visual, em diferentes modalidades, está caracterizada pela influência vivenciada por eles dentro do círculo social de cada um, composto principalmente pelo professor de Educação Física e pelos familiares. As aulas ofertadas durante o Ensino Fundamental e Médio são essenciais para que o jovem tenha o primeiro contato, porém, é indispensável que haja o desenvolvimento por meio de projetos e oportunidades esportivas em locais adequados garantindo o incentivo à

participação em competições. Ainda que seja um acesso inicial e um pouco restrito em relação ao número de modalidades existentes, este processo tem tendência crescente já que o esporte paralímpico brasileiro conquista maior visibilidade nos últimos anos.

## Referências

- ALVES, M.L.T; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b0b9/c9aff82dba711345ac2e97d150ed9f79bdd7.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BARROZO, A. F. *et al.* Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 12, n. 2, p. 16-28, 2012.
- BENFICA, D. T. *Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência*. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3128. Brasília, DF, 2008.
- BREDARIOL, B.; ALMEIDA, J. J. G. Acessibilidade de pessoas deficientes visuais à prática da natação. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 10, n. 2, p. 196-213, 2012.
- CARDOSO, V.D.; GAYA, A.C. A classificação funcional no esporte paralímpico. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v.12, n. 2, p.132-146, 2014.
- CARDOSO, V.D *et al.* Entry of Brazilian Paralympic Athletes in high performance sport. *Journal of Physical Education*, v. 31, e3151, 2020.
- CONDE, A.J.M; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. *Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.
- COSTA, V.B. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da formação docente. *Motriz: Revista de Educação Física*, v.16, n.4, p. 889-899, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/9N9DkRd7ZZJXbNvYTRD5hxb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- FONTELLES, M. *et al.* Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista Paraense de Medicina*, v.23, s/n, p.5-10, 2010.
- GIL, M. (org.). Deficiência visual. Brasília, DF: MEC. Secretaria de Educação e Distância, 2000.
- INTERNACIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *World Para Athletics: Classification, Rules and Regulations*, 2018. p.142.
- INTERNACIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *World Para Swimming: Classification, Rules and Regulations*, 2018. p.54.
- MELO, J. P. O ensino da Educação Física para deficientes visuais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 117-132, maio/2004.
- MELO, H. F.R. *Deficiência Visual: lições práticas de orientação e mobilidade*. Campinas: Unicamp, 1991.
- MIRANDA, A. J. WINCKLER, C. The athlete with visual impairment. *Aspetar Sports Medicine Journal*, 2019. Disponível em: <https://www.aspetar.com/journal/default.aspx>. Acesso em: 15 maio

2022.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M.H.C. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.26, n.3, p.159-176, 2005.

PATATAS, J.M *et al.* *Stakeholders' perceptions of athletic career pathways in Paralympic sport: from participation to excellence.* Sport in Society, 2020.

REVERDITO, R. S; SCAGLIA, A. J; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. *Motriz: Revista de Educação Física*, v.15, n.3, p. 600-610, 2009.

ROSADAS, S. C. *Sucesso de pessoas portadoras de deficiência através da prática esportiva: um estudo de caso.* 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000.

SCAGLIA, A. J. *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.* Campinas. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SILVA, C.S.; WINCKLER, C. Desporto Paralímpico: do desporto adaptado ao alto rendimento. *In: SILVA, C.S.; WINCKLER, C. O desporto paralímpico brasileiro, a Educação Física e Profissão.* São Paulo: Malorgio Studio, 2019. p. 17-28.

WINCKLER, C. *et al.* As relações do jogo e o desenvolvimento motor na pessoa com deficiência visual. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 27, n.2, p.131-147, jan, 2006.

## Notas sobre os autores

Maria Clara Costa da Silva

Núcleo de Estudos em atividade física e esporte para pessoas com deficiência - NEEPD

Universidade Federal de São Paulo; mclaraamaro@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-2483-7318

Ciro Winckler

Núcleo de Estudos em atividade física e esporte para pessoas com deficiência - NEEPD

Departamento de Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal de São Paulo; ciro.winckler@unifesp.br

ORCID: 0000-0002-9595-8144

Recebido em: 17/06/2022

Reformulado em: 22/06/2022

Aceito em: 22/06/2022